

O Quilombo Mata Cavalo: territorialidade negra no mundo globalizado

Silvânio Paulo de Barcelos¹

Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
E-mail: silvaniobarcelos@hotmail.com

RESUMO: Este artigo percorre caminhos e descaminhos no universo compreendido pelos espaços de negros como forma de resistência, levantando questões de africanidade, negritude e os processos de manutenção da identidade quilombola nas comunidades do Quilombo Mata Cavalo localizadas no município de Livramento - MT. Assentados naquela localidade a mais de cento e vinte anos os descendentes dos escravos que herdaram essa área de terra resistem, ainda hoje, à pressão dos fazendeiros daquela região pela disputa da sua posse. Essa identidade singular possibilita legitimar, pelas vias jurídicas, a propriedade das terras em litígio ao mesmo tempo em que coloca esses atores históricos no centro da convergência de seus próprios valores étnicos e culturais. Admitindo-se negros e quilombolas assumem, numa certa medida, o controle de suas próprias vidas. Em pleno século XXI os integrantes dessa comunidade tradicional lutam pela preservação de uma memória afro-referenciada enquanto sonham conquistar definitivamente seu território, um espaço de negro no interior de uma sociedade marcada por interesses difusos e pelo estigma da globalização.

PALAVRAS-CHAVES: Quilombola, identidade, globalização.

¹ Mestrando em História – Bolsista CNPq
Orientador: Prof. Dr. Marcus Silva da Cruz

O Atlântico negro

Paul Gilroy, sociólogo inglês, defende a tese da necessidade de se pensar sobre uma cultura negra desenvolvida nos dois lados do Atlântico, criando o termo “Atlântico Negro” num esforço de reflexão acerca da dinâmica cultural da diáspora africana. Este conceito dissecou a experiência vivida pelos povos que separados pela distância física estão unidos pela simetria social e cultural que os identificam, tornando possível novas interpretações dessa espécie de consciência negra coletiva trans-territorial. Segundo Gilroy

As culturas do Atlântico Negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas e contra-estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer.²

As culturas desenvolvidas no circuito transatlântico - condicionadas ao sofrimento pela perda, dor e a distância - criaram mecanismos de consolação, moldados em valores estéticos e simbólicos construídos por intermédio da recordação, que entraram para a memória coletiva perpetuando-se através das gerações. Assim, o mundo ancestral recriado pelas vias da imaginação coletiva constitui patrimônio imaterial relevante para a manutenção do *ethos*³, e da identidade que caracteriza um determinado grupo em sua singularidade.

A partir desses conceitos, quando somos desapropriados de nossas origens criamos mentalmente um espaço conceitual que entra para o imaginário coletivo como um lugar ideal concebido a partir dos mecanismos da recordação, via de regra transmitido pela tradição oral entre as gerações. No mundo idealizado das comunidades do Atlântico Negro a África, desde o período da escravidão racial, constitui-se em fonte de inspiração para as culturas negras. De acordo com Pinho

A África da qual se fala aqui não é o imenso continente africano, que abriga dezenas de diferentes países e centenas de diferentes povos. É uma África que pode até ser muitas Áfricas, mas que permanece una. África que é tribal, vinculada ao passado e aos ancestrais, mas que seria sobretudo fiel aos seus descendentes, quer estes habitem ou não em suas terras,

² Gilroy, Paul, 1956. **O Atlântico Negro : Modernidade e dupla consciência**. São Paulo; Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. P. 13.

³ O termo *ethos*, emprestado da Antropologia, explica as características sociais e culturais comuns que se verificam em um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade.

pois o que importa é que a África, possuindo a totalidade indivisível de um signo, resida no campo fértil e criativo dos imaginários afrodescendentes.⁴

O conceito “diáspora negra” utilizado por Stuart Hall, nascido em 3 de fevereiro de 1932, em Kingston na Jamaica, busca explicar a experiência dos Africanos que foram desterritorializados de seus lugares de origem. Esse jamaicano de classe média⁵ viveu as contradições culturais oriundas do conflito entre o local e o imperial no contexto Histórico colonizado da Jamaica, um mundo social marcado por políticas ideológicas de branqueamento racial. Na infância marcada pelo preconceito racial era chamado de “coolie”, uma espécie de *pária* entre os seus, por ser de todos os membros de sua família o mais negro. Em 1951 mudou-se para a Inglaterra, onde mais tarde junto com E. P. Thompson e Raymond Williams, entre outros, filiou-se à “Nova esquerda inglesa”, fazendo parte da primeira geração de inteligência negra anti-colonialista. A partir de sua própria experiência entendeu sua condição de ser-no-mundo, conhecendo intimamente os dois lugares – a Jamaica e a Inglaterra - percebeu que na verdade não pertencia a nenhum deles, “e esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada.”⁶

Segundo Hall, a experiência diaspórica teve sua origem na bíblia ao narrar a recuperação de uma terra já habitada por mais de um povo. O autor relaciona vários pontos em comum entre a Diáspora Judaica e a Diáspora Negra, entre eles a experiência de sofrimento, exílio, cultura do livramento e da redenção. Isso explica porque os seguidores do movimento Rastafári⁷ usam a bíblia, pois ela “Conta a história de um povo no exílio dominado por um poder estrangeiro, distante de casa e do poder simbólico do mito redentor”.⁸ Sem dúvida o que marcou de forma intensa o rastafarianismo foi o fato de

⁴ Pinho, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo : Annablume, 2004. P. 27.

⁵ Stuart Hall pertencia a uma família tradicional marcada por parte do pai, um privilegiado funcionário da “United Fruit Company”, como rural, pele escura e por parte da mãe como anglófila, de pele clara, ligada à aristocrática classe de proprietários de engenhos de açúcar.

⁶ Hall, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende... [et. al.]. – Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. P. 415.

⁷ No final da década de 1960, à margem do sistema capitalista, muitos Rastas procuraram formas de subsistência financeira através da arte, particularmente o artesanato, tornando-se habilidosos em esculpir peças inspiradas em motivos africanos. Mas, onde a cultura Rasta se propagou foi na música, com o surgimento de um novo estilo, o Reggae. Na origem o Reggae é o Ska, um ritmo frenético ao som de instrumentos metálicos inspirados na *Black music*. No final desta década, o Ska agora mais lento, originou o Rocksteady. Com a inserção da percussão africana acrescida de batidas da guitarra no estilo Rock, no início da década de 1970 o antigo Rocksteady passa a se chamar Reggae.

⁸ Idem, p. 417.

haver tornado definitivamente negra a Jamaica, descolonizando as mentes. “Como todos os movimentos, o rastafarianismo se representou como um retorno. Mas, aquilo a que ele nos retornou foi a nós mesmos. Ao fazê-lo produziu a África, novamente, na diáspora”.⁹

Tal como no sentido atribuído por Stuart Hall à identidade diaspórica o conceito de identidade, segundo Zygmunt Bauman, surgiu devido à crise de “pertencimento” e do esforço em se consolidar enquanto indivíduo dotado de história num local em constante mudança, recriando sua própria realidade ao nível da idéia. De acordo com Bauman “a identidade só poderia ingressar na *lebenswelt* – conceito de vida no mundo humano na sua auto-definição e experiência – como uma tarefa ainda não realizada, incompleta, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação”.¹⁰

Gilroy trabalha o conceito “Dupla Consciência” de W. E. B. Du Bois¹¹ na análise dos processos culturais de formação da identidade nas comunidades do Atlântico Negro. Du Bois ao buscar uma conotação mundial às experiências pós-escravidão dos negros ocidentais, projeta as concepções assimétricas de raça, nação e cultura dissecando o conceito da dupla consciência. Ao desvelar a dualidade filosófico-cultural “o ser negro e ao mesmo tempo norte-americano”, produz um conceito capaz de elucidar a experiência dos povos no contexto histórico da pós-escravidão. Essa teoria discute a plasticidade das identidades negras, que emergindo das experiências de deslocamento e re-territorialização, redefine o sentimento de pertença à um determinado lugar. Assim, a diáspora negra desloca a seqüência dos pontos de explicação entre lugar, posição e consciência, rompendo a predominância do território na formação da identidade desenraizada, desterritorializada e profundamente marcada pelo viés de uma cultura em constante mutação, em oposição à idéia de uma cultura pretensamente fechada. “Sob a idéia-chave da diáspora, poderemos ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”.¹²

Patrícia de Santana Pinho, em sua obra *Reinvenções da África na Bahia*, publicada em 2004, percorre as rotas do Atlântico Negro para identificar os elementos explicativos de uma identidade construída ideologicamente, tomando-se como princípio uma suposta essência africana, que estaria presente em grande parte das comunidades negras transatlânticas. A autora, em sua narrativa, percebe como culturas de outros lugares na diáspora

⁹ Idem, p. 417.

¹⁰ Bauman, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. P. 26.

¹¹ Du Bois é um cidadão Americano, pan-africanista, que se torna ativista dos direitos civis. Este sociólogo e historiador assume por opção a condição de cidadão de Gana, na África, em consequência de sua busca por uma espécie de africanização idealizada.

¹² Gilroy, Paul. Op. Cit. p. 25.

influenciam culturas locais sendo ao mesmo tempo por elas influenciadas. Analisando crenças em uma África mítica, especificamente o mito da “Mama África” percebe como essa idéia tem estimulado as sociedades na diáspora a construírem modos de vida próprios, em outros espaços geográficos, baseados no conceito de negritude e identidades afro-referenciadas.

O Quilombo, um breve histórico.

O espaço onde se localiza o Quilombo Mata Cavalo situa-se geograficamente entre as coordenadas UTM – Universal Transversa de Mercator X (horizontal) 8252 à 8240 e Y (vertical) 570 à 558, 15° 50’ à 15° 58’ de Latitude Sul e 56° 22’ à 56° 30’ de Longitude W à Oeste do meridiano de Greenwich, 2° e 48’ à direita do Meridiano Rondon.. O município de Livramento, onde se encontram as terras do Mata Cavalo integra a mesorregião 130, da microrregião 534 de Cuiabá, no centro sul de Mato Grosso, tendo como limites os municípios de Várzea Grande, Rosário Oeste, Barão de Melgaço, Santo Antonio do Leverger, Jangada e Poconé. Seu clima característico é o tropical quente e sub-úmido, com temperaturas médias anuais em torno de 26-27°C.

A sesmaria denominada Boa-Vida, atual Quilombo Mata Cavalo, teve sua origem com a descoberta de ouro na antiga região onde hoje se encontra a cidade de Cuiabá. Os pioneiros que aqui chegaram faziam parte da bandeira de Paschoal Moreira Cabral, segundo Silva “O sorocabano Cabral havia se encontrado com Antonio Pires de Campos nos bananais de Camapuã e decidido, ao ver o número de cativos que comboiava, também vir em busca do coxiponés¹³, na barra do rio Coxipó com o Cuiabá”.¹⁴ Em 1718 logo após ser derrotado no confronto com esses índios, Moreira Cabral é assistido pelos paulistas que estavam alojados no Carandá, no rio São José dos Cocais onde se localizava o acampamento de Fernão Dias Paes. Em 1751 José Paes Falcão, um dos filhos de Fernão Dias Paes pede requerimento a D. Antonio Rolim de Moura o então Capitão-General de Mato Grosso, de uma sesmaria localizada entre três córregos que mais tarde viriam a ser denominados de Estiva, Mata Cavalo e Mutuca.

A comunidade do atual Quilombo Mata Cavalo luta por seus direitos sobre a área da Sesmaria Boa Vida, num total de seis quilômetros de largura por doze quilômetros de comprimento. A sesmaria foi concedida a José Paes Falcão por força de decreto assinado por D. Antônio Rolim de Moura, em 1751, sendo posteriormente medida, demarcada e empossada judicialmente

¹³ Denominação da tribo de índios que habitava a região próxima aos rios Coxipó e Cuiabá no início do século XVIII.

¹⁴ Silva, José Orlando Muraro, **Mata Cavalo: Escravos e proprietários de suas terras**. Artigo publicado no Informe ao X congresso de direito agrário – Quilombos. P. 4.

por Antônio Xavier de Siqueira, em dezembro de 1788, através do acordo de compra realizado por seu pai Antônio Roiz de Siqueira, em 1772.

De acordo com as Leis vigentes à época, a concessão da sesmaria não caracterizava em propriedade particular, sendo que sua efetivação vinculava-se por imposição da Lei à necessidade de sua medição, demarcação e confirmação judicial. Em 1772, Paes Falcão vende o direito por concessão obtida ao Sr. Salvador Rodrigues ao preço de dois potros. Em 1788 o alferes Antônio Xavier de Siqueira, filho de Paes Falcão, realiza a medição das terras da Sesmaria Boa Vida, colocando os quatro marcos de aroeira roliça, determinando finalmente sua posse judicial.

As ações jurídicas formalizadas em Lei que determinaram a posse da referida sesmaria pode ser confirmada no trecho transcrito por Silva “[...] sendo feitas todas as cerimônias da lei e costume praticado, demos com efeito ao dito Alferes Antônio Xavier de Siqueira por empossado das ditas terras demarcadas, com posse judicial, atual, civil, natural e real, na forma do direito.”¹⁵ Em consequência da morte de Antônio Xavier de Siqueira, em 1804, a Sesmaria foi dividida em duas partes tomando-se como divisor natural o Córrego Mata Cavallo, a da Boa Vida, ao Sul, passa para o controle da família Siqueira e a Sesmaria Rondon, ao Norte do Ribeirão Mata Cavallo que também passa às mãos de outros membros da mesma família. Em 1850 Da. Custódia de Arruda e Silva arremata em ato judicial a Sesmaria Boa Vida, sendo posteriormente colocada à disposição da justiça por questões de dívidas. O segundo grande momento da afirmação do direito de propriedade envolvendo a sesmaria Boa Vida, diz o professor Silva, ocorre quando o capitão Antônio José do Couto executa judicialmente dívida da qual era cessionário incluindo também, entre outros bens, a referida Sesmaria. Em ato público-judicial Ricardo José Alves Bastos, esposo de D. Ana da Silva Tavares arremata a Sesmaria Boa Vida, pagando por ela a quantia de um conto de réis. Acometido por uma grave doença, em cinco de dezembro de 1874, Ricardo José Alves Bastos declara o seu testamento aberto. Ainda segundo Silva “este testamento será um dos argumentos utilizado para justificar a expropriação das terras dos negros de Mata-Cavallo. [...] o testador destina ‘a sua terça’ que, segundo as Leis Civis do Império, conforme o art. 1008 [...] era a parte disponível que podia ser destinada em testamento”.¹⁶

Esse contexto jurídico muda quando o Sr. Ricardo José Alves Bastos instituindo um fideicomisso¹⁷ com sua esposa D. Ana da Silva Tavares transforma-a em fiduciária e Francisco José da Silva, seu vizinho, o fideicomissário, determinando por força da Lei que a propriedade só será transferida à este após a eventual morte de sua esposa. O fideicomisso foi extinto com a morte de Francisco José da Silva que faleceu antes de sua

¹⁵ Idem, p. 8.

¹⁶ Idem, p. 10.

¹⁷ De acordo com o Código Civil Brasileiro “fideicomisso é uma espécie de substituição onde o substituto não herda no lugar do substituído, mas após o substituído, beneficiando pessoas não concebidas ao tempo da morte do testador.

esposa, outorgando a posse da sua propriedade a seu favor. Uma outra questão importantíssima consta no referido inventário que confere plena liberdade aos seus trinta e oito escravos após a morte de D. Ana da Silva Tavares. A partir do assentamento de doação da Sesmaria Boa Vida aos escravos de D. Ana da Silva Tavares, em 1883, iniciaram-se, pelos interesses da elite rural dominante nesta região, as manobras políticas que levariam ao início dos conflitos pela disputa desta terra, numa luta desigual. O livro n. 49 do Tabelionato de Notas de Livramento, que continha as anotações jurídicas legitimando a doação feita aos escravos cativos e também libertos de D. Ana, desapareceu de forma misteriosa. Curiosamente, a referida senhora é descendente das famílias da oligarquia dominante na região, que falsificaram todo tipo de documentos para suprimir quaisquer direitos de posse da terra por parte dos negros da Sesmaria Boa Vida. A referida doação, foi levada a registro no Livro da Câmara do município de Nossa Senhora do Livramento, área de influência dos fazendeiros dessa região, em cumprimento às exigências do primeiro Código de terras do Estado de Mato Grosso. A reconstituição histórica desse evento só foi possível com a descoberta de documentos contendo declarações de vontade de D. Ana da Silva Tavares e que hoje se encontram no Arquivo Público de Mato Grosso e também no Instituto de Terras de Mato Grosso – INTERMAT.

De acordo com o advogado Silva, no seu processo de investigação para a Defensoria Pública do Estado de Mato Grosso, a confirmação do registro de doação da sesmaria aos escravos nunca foi efetuada oficialmente, posto que o senhor Leopoldino Alves da Costa, que assinou à rogo de D. Ana da Silva Tavares no referido documento, era justamente o secretário da Câmara Municipal, e tinha como principal função colher os registros de propriedade daquele distrito. Silva é otimista quanto à situação do Quilombo Mata Cavalo, na medida em que as pesquisas em andamento apresentaram-lhe um outro vetor a ser utilizado pelos profissionais da área de direito. Segundo ele “São documentos tais como inventários, livros de registros fundiários¹⁸, relatos de viajantes, padres e militares, de tal forma que se possa acumular um volume tal de informação [...] para que as comunidades possam postular seus direitos em juízo, sem correr o risco de gerar uma jurisprudência contrária aos seus interesses.”¹⁹

Território do Quilombo: um espaço de negros

O espaço de terra do Quilombo Mata Cavalo constitui-se como catalisador do sentimento de pertença de seu território. No percurso da História, seus ancestrais fincaram ali suas raízes, construindo através delas os elementos culturais de suas identidades marcadas pela singularidade do ser negro e quilombola. Os costumes, a religiosidade, a vida comunitária, as tradições herdadas dos seus ancestrais e o esforço na manutenção de suas

¹⁸ Vale salientar que são registros anteriores à criação do Registro de Imóveis em 1917. Antes, portanto, de sua regulamentação no âmbito da Lei, como vigora até os dias atuais.

¹⁹ Idem, p. 15.

identidades produzem uma territorialidade única, edificando-a enquanto espaço vital, real e simbólico simultaneamente.

O chão, expressão de sonhos e possibilidades, muitas vezes irrigado com o vermelho tom da intolerância e violência explícita, testemunha o vigor e a determinação dos homens, mulheres e crianças que foram moldados na pura têmpera dos ideais da resistência, criando e recriando constantemente um modo de vida peculiar. Esse mundo dividido entre o velho e o novo conserva a “aura da negritude” de seu universo quilombola cultivando tradições que vão se obliterando sem, contudo, perder sua essência fundamental, uma essência que não é somente africana, mas afro-brasileira, resultante do encontro de etnias e do caráter híbrido de sua sociedade.

O trânsito constante entre geografia e memória, cultura e imaginário faz do território do Quilombo Mata Cavalo um campo aberto a constantes reconfigurações de ordem material e simbólica. Segundo Haesbaert, “teríamos vivido sempre uma multiterritorialidade”²⁰, onde percebemos que em toda relação social há uma implicação, uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Nesse quadro sócio cultural o indivíduo vive ao mesmo tempo ao seu nível particular, ao nível da sociabilidade entre seus familiares, do seu grupo social, e da sua própria comunidade. A dinâmica dessas transformações em consequência do estado de litígio pela disputa da posse das terras do Mata Cavalo determinam, num certo grau, não a crise mas a própria constituição da identidade do grupo, como Bauman aponta em seus tratados teóricos. Para ele o próprio conceito “identidade” nasce em função da crise de pertencimento e da necessidade de se adaptar criando novas identidades a partir do campo da idéia, como citado acima. Toda uma tradição herdada das senzalas reflete no cotidiano dessa comunidade criando territorialidades diversas que ora convergem ora divergem nos confrontos de interesses no seu interior. Ao rebuscar os elementos culturais de uma possível essência africana recriam seus territórios na diáspora, ressignificando seu espaço delimitando-o como um território de negro, um mundo conceitual quilombola.

O Sr. Antonio Mulato, patriarca do Quilombo Mata Cavalo, contando com 104 anos de idade, filho de mulher escrava e pai nascido após a Lei do Ventre Livre, em entrevista concedida ao autor desse artigo em 28 de novembro de 2009, fala com profunda nostalgia de um tempo que ficou somente na memória, um tempo de fartura marcado pelo modo de vida coletivo, um tempo em que a maioria das casas contavam com engenhos, criações de animais domésticos, plantações de mandioca, milho, arroz, feijão e a cana de açúcar. Rebuscando antigas recordações relembra os dias felizes da vida comunitária, dos muxiruns²¹ para execução de trabalhos no campo e das festas em

²⁰ Haesbaert, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P. 344.

²¹ O trabalho realizado em sistema de mutirão, ou muxirum como é mais conhecido na região, muito utilizado no período do Brasil Colônia, consistia na execução de tarefas coletivas e

comemorações aos dias santos, abundantes durante todo o ano. Quando perguntamos a ele como se sentia nessa altura de sua vida ele respondeu que: “to alegre por que ainda to vivo, mas hoje cada um faz por si. Esse é o atraso da vida, né? Não existe mais a união, acabou a união. Fazer o que? To alegre por que ainda to vivo.”



Fotografia do Sr. Antonio Mulato junto ao seu antigo engenho, em sua residência.
 Formato JPEG, tirada em 28/novembro/2009, modelo da câmera DMC-FX07
 Acervo particular de Silvânio Paulo de Barcelos

As preocupações reveladas na fala simples do Sr. Antonio Mulato indicam problemas que preocupa grande parte dos moradores do Quilombo Mata Cavallo. A tradição e os costumes herdados dos seus antepassados constituem-se nos elos formadores de suas identidades afro-referenciadas, formando patrimônios simbólicos a serem preservados a qualquer custo. Entretanto, no interior dessa comunidade tradicional nem todos se preocupam com a conservação da herança quilombola que a caracteriza como um lugar de negros, um espaço vital. Apesar dessas desalentadoras perspectivas a terra, testemunha viva da História do Mata Cavallo ainda possui o mesmo valor material e simbólico capaz de conformar identidades singulares. A terra e o tempo, protagonistas desta trama histórica, marcaram o compasso das transformações, alternando movimentos de fluxo e refluxo sócio-cultural conformadas por um mundo em plena convulsão, resultado da face mais sombria da globalização.

também particulares, onde o contratante se obrigava a servir o almoço, feito pelas mulheres, enquanto os homens executavam o serviço braçal.

Mata Cavalo e o mundo globalizado

O livro *Modernidade Líquida*, de Zigmunt Bauman, 2001, consiste no esforço de observar o homem enquanto ator social estigmatizado pela individualização no interior de um mundo em constante mudança. Nessa nova conjuntura social o estado de fluidez e flexibilidade molda a plasticidade com a qual os indivíduos interagem com o meio envolvente. Através dessa perspectiva o estado de liquefação dos sólidos metaforicamente delimita um tempo histórico marcado pela provisoriedade e a sensação de uma falsa liberdade, que traz como consequência imediata o desconforto e o desamparo social. Numa análise subjetiva dessa questão, Bauman relaciona diretamente o desprendimento do homem das suas redes de pertencimento social e familiar, localizando-o num terreno movediço onde as estruturas do individual se sobrepõem às do coletivo, desestabilizando-o na medida em que o desloca de seu estado de segurança para uma zona de desconforto.

Analisar o contexto social dessa comunidade é confrontar o antigo e o novo numa interação dinâmica entre a tradição, que se quer estática, e a mudança que oscila entre o desejo e a conformação. A tradição, portanto, constitui-se no grande objetivo dessa comunidade que se utiliza de todos os meios disponíveis para a sua manutenção recuperando os elementos constitutivos da tradição afro-referenciada e, também, construindo novos elementos culturais que permitam perpetuá-la. No entanto a necessidade de subsistência econômica obriga parte dos seus integrantes, na maioria jovens, a procurar sua inserção no mundo do trabalho, normalmente nos meios urbanos onde buscam a realização de sua independência financeira e reconhecimento social. As condições impostas pela necessidade de conquistarem seus espaços no mercado de trabalho os colocam, consciente ou inconscientemente, numa condição de instabilidade social resultante da sociedade altamente competitiva e marcada pela “modernidade líquida” tratada por Bauman. Possivelmente a cultura quilombola representa para essa comunidade a contraparte do mundo globalizado, uma forma de resistência às dificuldades naturais da vida atual, uma válvula de escape pelas vias do lúdico, da alegria, dos ritmos e dos mecanismos da recordação que possibilita e permite recriar seus espaços vitais.

A Dança do Congo²², de origem Africana, é uma das mais expressivas manifestações culturais de origem Africana no Brasil. Em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, a Dança do Congo foi uma tradição importada da antiga “comunidade dos pretos”²³ do Mata Cavalo. Essa dança, ensinada e

²² A Dança do Congo é a representação da luta simbólica entre dois reinados da África, em consequência da negação por parte de um dos reis ao pedido de casamento de sua filha, entendido por ele como uma possível traição objetivando a disputa da sua coroa. Para esse rei a intenção do seu opositor era lhe matar assim que o casamento se realizasse, possibilitando a anexação do seu reino.

²³ Essa expressão indica a forma como os integrantes do Quilombo Mata Cavalo eram reconhecidos pelos habitantes da cidade de Nossa Senhora do Livramento, de acordo com a tradição oral da região.

praticada na Casa São Benedito em Livramento, assume dimensão educacional empírica na medida em que resgata valores afro-referenciados do universo quilombola. Segundo Dantas

O reconhecimento social do Congo como um conhecimento eminentemente negro, na perspectiva do processo ensino/aprendizagem, recupera para os negros e para a sociedade, a identidade dos negros como sujeitos e como produtores de cultura. Como um fenômeno educativo de alcance étnico, apresenta o negro como concretude na sociedade local, regional e nacional; apreende sua existência como real e viva. Evidencia-se a possibilidade de ser – no – mundo – negro, com outros negros, com outros brancos. Uma forma de aprender a ser negro no arripio dos parâmetros racistas, mantendo uma saída para fora do vínculo do branqueamento e da integração da imagem branca do negro.

Obliterada parcialmente no passado a Dança do Congo foi retomada pela comunidade do Quilombo Mata Cavalo como parte das ações de recuperação de valores de sua cultura. Segundo depoimento de D. Tereza, líder desse Quilombo, ao autor desse artigo em 12 de setembro de 2008, toda forma de tradição é fundamental para a existência de sua comunidade. Entre apertos de mãos, abraços e saudações afetuosas a venerável matriarca, amavelmente, descrevia com riqueza de detalhes todos os pormenores das festas e da tradição religiosa de sua comunidade. O sagrado exerce papel central na formação de ordem social e cultural da comunidade, de acordo com as palavras de D. Tereza “A religião nossa é coisa de nosso passado, então tudo isso é nosso futuro, é nossa lembrança e nossa recordação dos nossos antepassados.”

As manifestações religiosas constituem-se no fio condutor da tradição quilombola, junto com todas as outras formas de expressões culturais, como a Dança do Congo, Siriri e Cururu²⁴. O desejo de perpetuação da comunidade quilombola fica evidente quando D. Tereza afirma que “tudo isso é o nosso futuro”, isso é relevante na medida em que o futuro da comunidade se garante pelas vias das práticas culturais e do resgate da tradição ancestral do Quilombo. Além da questão da preservação do universo quilombola, as tradições ancestrais conferem juridicamente o direito de posse e propriedade da terra, de acordo com as políticas de terras da Constituição Federal de 1988, desde que permitam a manutenção da identidade tradicional negra e quilombola.

Bauman ao citar Cornelius Castoriadis, “o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-

²⁴ A dança do siriri e cururu originam-se nas tradições seculares indígenas, que foram assimiladas por comunidades rurais e também ribeirinhas e repassados pela tradição oral de pai para filho. No Quilombo Mata Cavalo essa tradição foi importada e é, ainda hoje, utilizada em todos os festejos.

se”²⁵, alerta para os perigos da aceitação pacífica da imobilidade imposta pela modernidade líquida, segundo suas palavras, “O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano”²⁶, busca-se não as respostas, a saída para esse estado letárgico da sociedade globalizada, mas sim a predisposição em questionar a condição humana na contemporaneidade, estimulando e delimitando novas agendas sociais. A proposta desafiadora deste grande sociólogo permite situar o papel preponderante dos intelectuais enquanto formadores de opinião e como criadores dos instrumentos que permitam uma intervenção racional na própria realidade do vivido, pois “Fazer as perguntas certas constitui, afinal, toda a diferença entre sina e destino, entre andar à deriva e viajar”.²⁷

Nessa perspectiva, a História do Quilombo Mata Cavallo que se projeta no presente determinará o destino da comunidade quilombola. De fato, o caminho tortuoso percorrido por homens, mulheres e crianças desde as senzalas, desvela a constante luta pela sobrevivência, num processo contínuo de adaptação ao meio, utilizando-se do possível no movimento da resistência. Nesse contexto violento a terra forneceu o amálgama que fixou as bases da identidade quilombola e o tempo se encarregou de forjar o ideal da negritude resgatando a dignidade do ser negro em um mundo de brancos. Na atualidade o espírito de Zumbi de Palmares ressona metaforicamente naquele universo quilombola racionalizando vidas e constituindo sua cultura híbrida, permitindo dessa forma a manutenção do espaço primordial do negro, um território afro-referenciado.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:

Barcelos, Silvânio Paulo de. O Quilombo Mata Cavallo: territorialidade negra no mundo globalizado. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em:
<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Quilombo_Mata_Cavallo.pdf
>. Acesso em: 3 mai. 2010.

²⁵ Bauman, Zigmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. P. 10.

²⁶ Idem. P. 11.

²⁷ Idem. P. 11.

Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DANTAS, Triana de Veneza Sodré e. **Educação do negro**: a pedagogia do Congo de Livramento, MT. Cuiabá: Instituto de Educação, 1995.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo; Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. [et. al.]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, José Orlando Muraro, **Mata Cavalos: escravos e proprietários de suas terras**. Artigo publicado no Informe ao X congresso de direito agrário – Quilombos.